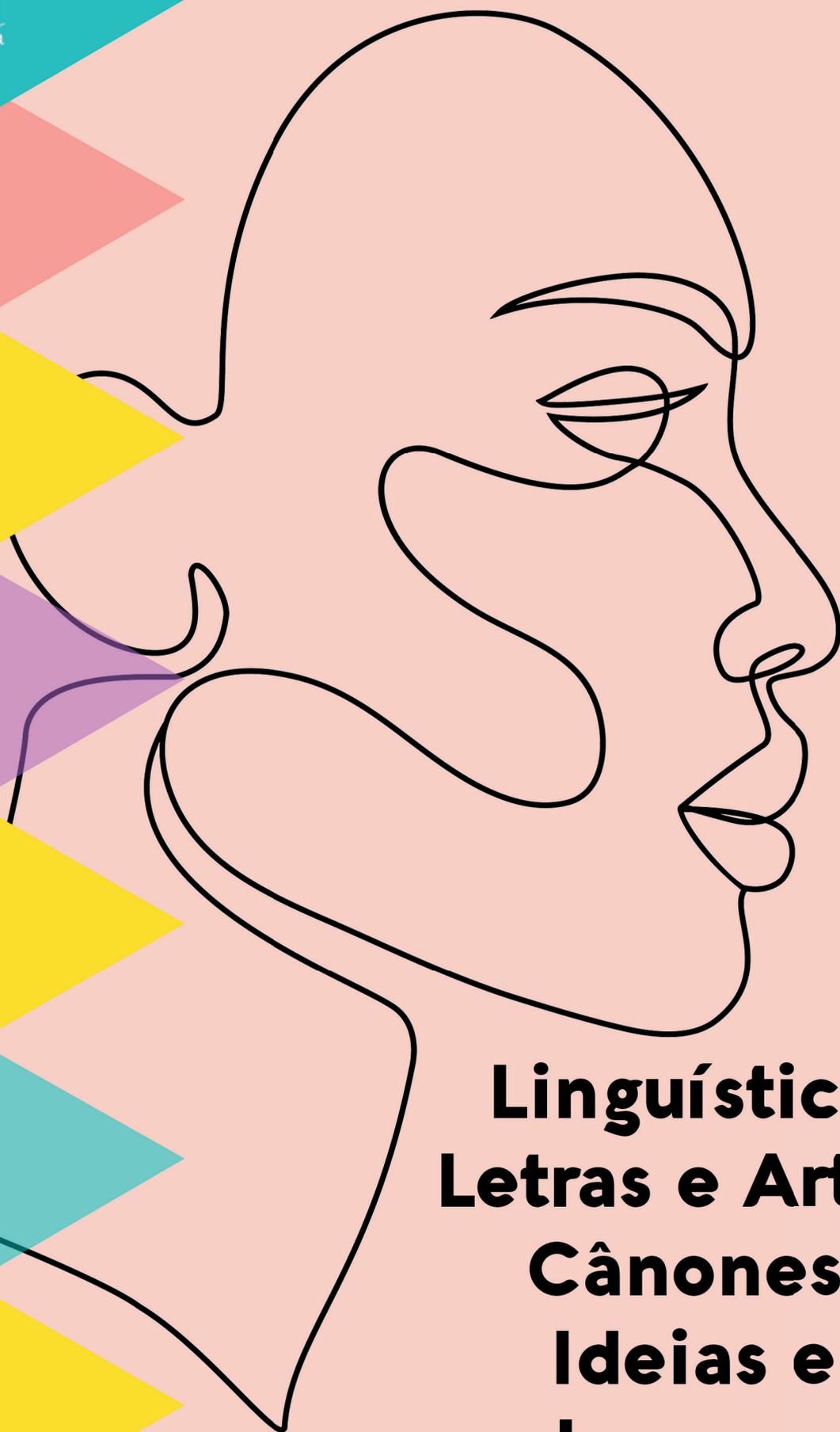
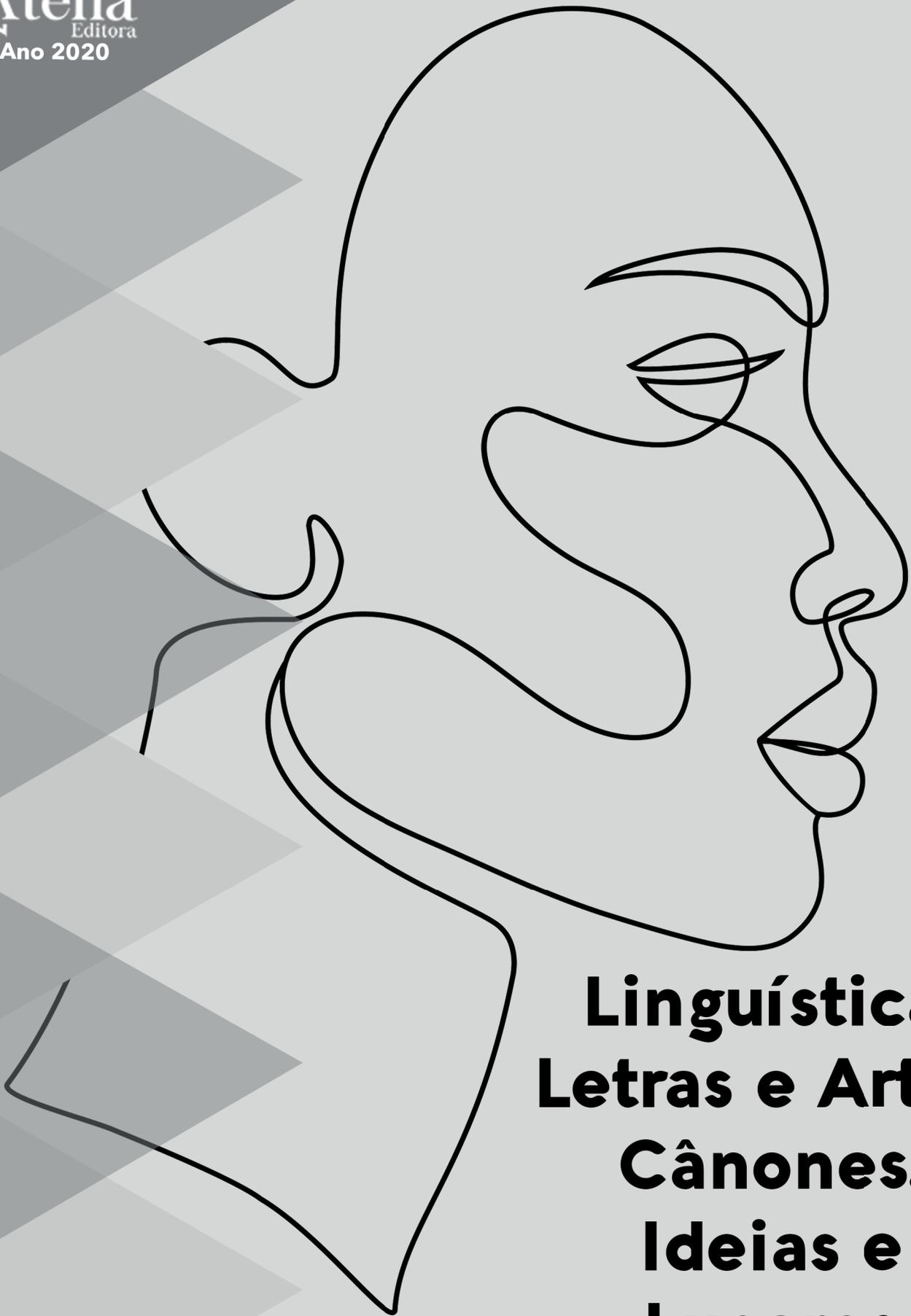


Atena
Editora
Ano 2020



**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 1 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-116-9 DOI 10.22533/at.ed.169201906 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ao escrever esta apresentação não tem como não pensar na situação que o país se encontra imerso. Muitas cidades em isolamento social, outras relaxando as medidas de prevenção e de combate à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2) da Covid-19, que tem ceifado milhares de vida. Seria injustiça da minha parte se no início desta exposição não externasse os meus sinceros sentimentos às pessoas que perderam seus entes queridos. Acredito que este é também o papel das ciências da linguagem, enxergar o ser humano nas suas diversas facetas e a que estamos passando não é uma das melhores, apesar de tudo, há esperanças de que tudo isso passará e, certamente, seremos pessoas melhores.

Falar de linguagem, linguística e arte é falar da comunicação estabelecida no fazer do sujeito. A iniciativa de comunicar ao outro o que está sendo produzido nas diversas regiões do país é uma ação necessária, sobretudo, dos estudos que estão sendo realizados com transparência e monitoração das propostas de investigação científica, já que produzir ciência no Brasil é um contínuo e pleno exercício de resistência no combate às fake News.

Todos os autores que se propuseram na caracterização deste e-book, mostram-se como sujeitos resistentes mediante as ineficiências de incentivos que nos últimos anos têm sido direcionadas à produção de ciência, sobretudo, a ciência linguística, da linguagem e artística no país que ainda não se convenceu de que é somente por meio da educação que escreveremos novas e coloridas páginas de oportunidades na existência desta e das gerações futuras.

Assim, as páginas que contemplam esta obra não são desbotadas pela carência de informações pertinentes que perpassam pelas áreas da linguística, da literatura e das artes. Estas páginas são coloridas com diferentes conhecimentos das áreas diferentes do saber em que todos os seus propósitos, finalidades e evidências de que o conhecimento constrói a diversidade e conscientiza-se na relevância do pensamento científico e da reflexão fortificada em cada discussão.

Neste e-book, estão organizados dezenove capítulos que repercutem a relevância da coletânea pela diversidade das reflexões propostas. Ao detalhar em cada capítulo como a linguagem dialoga com a linguística, com a literatura e com as artes, elaboramos uma cadeia de saberes multifacetados. Sendo assim, nestes dezenove textos temos a certeza de que a ciência se faz na diversidade e no respeito à pesquisa do outro, da sua função de cientista da linguagem marcada com ideias, ideais, contextos e estilos de escrita.

Esperamos que estas reflexões respinguem cores, cheiros e sabores ao contexto social e linguístico que o Brasil e o planeta estão passando. Em linhas gerais, autorizadas são todas as discussões diversas que enxergam nesta coletânea a certeza de que a produção e divulgação de conhecimentos instalem cenários transparentes e necessários da educação na formação dos sujeitos, portanto, resta-nos desejar: boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E O AUTISMO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Edijane Maíla Martins da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1692019061	
CAPÍTULO 2	12
ESTUDO DOS DISCURSOS NO INSTAGRAM DE INFLUENCIADORAS DIGITAIS DO MERCADO DE MAQUIAGEM: HUDA KATTAN E NIINA SECRETS	
Beatriz Costa Fernandes Pereira	
Fred Izumi Utsunomiya	
DOI 10.22533/at.ed.1692019062	
CAPÍTULO 3	29
A INSTAURAÇÃO DA ARGUMENTATIVIDADE NO DISCURSO DE MUDIATIZAÇÃO DA CIÊNCIA	
Jairo Venício Carvalhais de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.1692019063	
CAPÍTULO 4	41
AS TRAMAS DA ENUNCIACÃO	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1692019064	
CAPÍTULO 5	51
DA FEITURA DO DASEIN NEOLIBERAL: ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO DO HERÓI DE INFINITE JEST, DE DAVID FOSTER WALLACE	
Henrique Reis Fatel	
DOI 10.22533/at.ed.1692019065	
CAPÍTULO 6	69
A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE DE EMPODERAMENTO DO SUJEITO NEGRO	
Letícia Queiroz	
Epaminondas de Matos Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.1692019066	
CAPÍTULO 7	81
A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS SHAKESPEARIANAS ENQUANTO REPRESENTAÇÕES ESTÉTICAS DA SOCIEDADE ELISABETANA	
Fernanda Rafael da Paz	
Neide Aparecida da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1692019067	
CAPÍTULO 8	89
A PAIXÃO SEGUNDO G.H COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Alice Duarte de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.1692019068	

CAPÍTULO 9	105
CONTOS DE FADAS, FANTASIA E PROTAGONISMO FEMININO: UMA LEITURA DE <i>TRONO DE VIDRO</i> , DE SARAH J. MAAS	
Izabela Fernandes Simão	
DOI 10.22533/at.ed.1692019069	
CAPÍTULO 10	118
A CRIAÇÃO IDEOLÓGICA E O TRAUMA SOBRE <i>O CASAMENTO EM A PORTA E O VENTO</i> , DE JOSÉ BEZERRA GOMES	
Eldio Pinto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16920190610	
CAPÍTULO 11	132
A MANIFESTAÇÃO DO DIALETO <i>PAJUBÁ</i> NA MÚSICA <i>QUEER</i> BRASILEIRA	
Martiniano Marcelino de Macedo Torres	
DOI 10.22533/at.ed.16920190611	
CAPÍTULO 12	154
A POTÊNCIA DA NARRATIVA E A COMUNIDADE DOS CELIBATÁRIOS EM <i>AS CANÇÕES</i> , DE EDUARDO COUTINHO	
Mírian Sousa Alves	
Renata de Oliveira Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.16920190612	
CAPÍTULO 13	165
A REFRAÇÃO HOMOFÓBICA NO JORNALISMO: ESTUDO DE CASO SOBRE O ASSASSINATO DE BRUNA	
Piero Dutra Vicenzi	
DOI 10.22533/at.ed.16920190613	
CAPÍTULO 14	173
ARQUITETURA WAURÁ - DESCRIÇÃO DO PROCESSO CONSTRUTIVO DA CASA TRADICIONAL DO POVO WAURÁ	
João Mário de Arruda Adrião	
Tirawá Waurá	
Thalysson Paulo Alves Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.16920190614	
CAPÍTULO 15	179
CULTURA E REGILIGIOSIDADE POPULAR, CONGADA EM ANGICAL: BREVE DISCUSSÃO	
Vera Regiane Brescovici Nunes	
Pedro Fernando Sahium	
Washington Maciel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16920190615	
CAPÍTULO 16	191
ENTRE ILHAS: ORIGENS, DESVIOS E NARRATIVAS NA MEDIAÇÃO CULTURAL	
Andressa Argenta	
Carolina Ramos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.16920190616	

CAPÍTULO 17	202
ENTRE O CAOS E A ORDEM: RELAÇÕES SOCIAIS E PERCEPÇÕES SOBRE O TERMINAL URBANO FRANCISCO ALVES RIBEIRO EM RIO BRANCO–ACRE	
Beatriz Tayná Souza Brito	
Marcia Meireles de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.16920190617	
CAPÍTULO 18	213
BRASIL E PORTUGAL NA ENCRUZILHADA: A NEGAÇÃO DO FADO E A AFIRMAÇÃO DO SAMBA (1930-1939)	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.16920190618	
CAPÍTULO 19	232
A DANÇA EM SEUS DIFERENTES RITMOS	
Karolaine Ramada Neves	
Aline Ditomaso	
DOI 10.22533/at.ed.16920190619	
SOBRE O ORGANIZADOR	237
ÍNDICE REMISSIVO	238

ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E O AUTISMO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Data de aceite: 01/06/2020

Data de submissão: 06/05/2020

Edijane Maíla Martins da Silva

Colégio Nossa Sra. de Lourdes - Rede IENS

Cajazeiras – PB

<http://lattes.cnpq.br/7933182995888875>

RESUMO: Com o passar dos tempos, fica cada vez mais fácil observar o aumento da busca pelo ensino de inglês, e isso tem ocorrido também em larga escala no que diz respeito ao ensino de inglês para crianças. Por ser a fase de maior abertura e absorção, ao ser exposta a um novo idioma ainda na infância, a criança não terá dificuldades no aprendizado da língua materna. Analisando todos estes aspectos pensa-se também na perspectiva da inclusão de crianças especiais no ensino de Língua Inglesa em escola regular, especialmente crianças autistas. Ao longo dos anos estudiosos e pesquisadores estudam sobre o autismo, sabe-se que se trata de uma síndrome que pode ser diagnosticada no ser humano nos primeiros anos de vida, podendo afetar a linguagem, o comportamento social e comportamentos relacionados a objetos e rotinas. Nessa perspectiva, o objetivo

do presente estudo é refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa com crianças autistas em escola regular. Sabe-se que há graus diferentes de autismo, porém, este artigo relata, de forma geral, como seria trabalhar com autistas em salas de aula com uma melhor preparação. Desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica e fundamentado em autores como Kirst (2015), Vygotsky (1996), Trouche (2002), Cunha (2015), entre outros, este trabalho se justifica pela necessidade de rever práticas pedagógicas diante dos processos de inclusão na educação. Logo, a partir dos resultados, pode-se afirmar que ensinar uma segunda língua para crianças com autismo pode ser uma forma de ajudá-las a se desenvolverem cada vez mais, tanto no aspecto cognitivo, quanto no social, visto que o estudo da Língua Inglesa permite que a criança interaja com as pessoas ao seu redor. Com a mediação da escola e da família, a criança autista pode avançar de maneira significativa no processo educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Inglesa. Autismo. Aprendizagem.

ABSTRACT: As time goes by, it's easier to see the increase in the search for teaching English, and it's also happened on a large scale with regard to teaching English to children. Because it's the phase of greatest openness and absorption, when exposed to a new language in childhood, the child won't have difficulties in learning the mother language. Analyzing all these aspects, one also thinks about the perspective of including special children in the teaching of English in regular schools, especially autistic children. Over the years scholars and researchers have studied autism, that is a syndrome that can be diagnosed in humans in the first years of life, and can affect language, social behavior and behaviors related to objects and routines. In this perspective, the objective of this study is to reflect on the process of teaching and learning the English language with autistic children in a regular school. There are different degrees of autism, however, this article describes, in general, what it would be like to work with autistic people in classrooms with better preparation. Developed through bibliographic research and based on authors such as Kirst (2015), Vygotsky (1996), Trouche (2002), Cunha (2015), among others, this work is justified by the need to review pedagogical practices in the face of inclusion processes on education. Therefore, from the results, it can be said that teaching a second language to children with autism can be a way to help them develop more and more, both in cognitive and social aspects, since the study of language English allows the child to interact with the people around them. With the mediation of the and the family, the autistic child can advance significantly in the educational process.

KEYWORDS: English language. Autism. Learning.

1 | INTRODUÇÃO

Com o passar dos tempos, fica cada vez mais fácil observar o aumento da busca pelo ensino de inglês, e isso tem ocorrido também em larga escala no que diz respeito ao ensino de inglês para crianças, pois, ao ser exposta ao novo idioma na escola ainda na infância, a criança o assimilará de forma espontânea e natural e poderá não apresentar dificuldades no aprendizado da língua materna, ao contrário do que é pensado por algumas pessoas, pois, é na infância que ela terá a chance de assimilar aspectos linguísticos de uma outra língua com facilidade, devido a plasticidade em seu cérebro, que está em constante transformação nesse período. Essa configura-se a fase de maior abertura e absorção para aprender.

Nessa fase, as crianças precisam aprender a gostar da língua mais do que qualquer outra coisa, e este deve ser seu principal objetivo. Isso não significa que elas não aprenderão muito – aprenderão sim, e você ficará surpreso com o tanto que aprendem – mas elas têm vários anos a sua frente para aperfeiçoar a língua. Se você proporcionar-lhes as primeiras experiências com o inglês de uma atmosfera afetiva e através de atividades que elas gostam, há uma boa chance de seus alunos se saírem bem em inglês no futuro. (ROTH, 1998 apud PIRES; PAIVA, 2001, p. 53).

Observando todos estes aspectos, pensa-se também na perspectiva da inclusão de crianças especiais no ensino de Língua Inglesa em uma escola regular, especialmente crianças autistas. O professor pode se achar “perdido” por não saber como lidar com o aluno que precisa de uma maior atenção, às vezes até por falta de informação ou formação devida com relação ao autismo. Ao longo dos anos, estudiosos e pesquisadores estudam sobre o autismo, sabe-se que se trata de uma síndrome que pode ser identificada no ser humano nos primeiros anos de vida, podendo afetar a linguagem, o comportamento social e comportamentos relacionados a objetos e rotinas. Logo que diagnosticada, a criança precisa de um acompanhamento de um profissional especialista na área da saúde para a realização de um diagnóstico confiável, assim a criança com autismo e suas famílias podem ser beneficiadas com essa devida atenção.

Diante disto, surgiu-se os seguintes questionamentos: como se dá o processo de ensino-aprendizagem dessas crianças? Quais os desafios enfrentados pelo professor em sala de aula? Quais as possibilidades de ensino diante destes desafios? Perante as essas questões, este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica e fundamentado em autores como Kirst (2015), Vygotsky (1996), Trouche (2002), Locatelli e Vagula (2009), entre outros, e realizado na tentativa de encontrar possíveis respostas para ajudar no processo de ensino, não só nas aulas de Inglês, mas também no processo educacional como um todo, justificando-se pela necessidade de rever práticas pedagógicas, frente aos aspectos inclusivos da educação.

A pesquisa apresenta primeiro uma breve discussão sobre o ensino de inglês para crianças, em seguida a criança e o autismo em sala de aula e por fim os desafios que os educandos podem enfrentar, seguindo das possibilidades existentes e pertinentes para a inclusão nessas aulas.

2 | ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS

Aprender uma nova língua é essencial nos dias atuais. Se tratando em aprender um novo idioma, estudiosos afirmam que quanto mais cedo para crianças, melhor para o desenvolvimento e ampliação do pensamento linguístico da língua em questão, pois elas assimilam uma língua estrangeira, em particular o inglês, com uma abrangente naturalidade e espontaneidade quando começam mais cedo, melhor ainda, no processo de alfabetização. Dessa forma poderão dedicar mais tempo ao aprendizado da língua, acumulando um conhecimento maior e mais sólido, por isso a necessidade de incentivar a aprendizagem da Língua Inglesa desde a infância. Nessa perspectiva, Vygotsky afirma:

[...] do ponto de vista do desenvolvimento psicológico, a memória, mais do que o pensamento abstrato, é característica definitiva dos primeiros estágios do desenvolvimento, ao longo do desenvolvimento ocorre uma transformação, especialmente na adolescência. [...]. (VYGOTSKY, 1988 apud BERGER; MORO; LAROCCA, 2010, p. 48).

Ao ser exposta ao novo idioma na escola, ainda na infância, a criança não terá dificuldades no aprendizado da língua materna, ao contrário do que é pensado por pais de alunos e algumas outras pessoas. As crianças são capazes aprender duas línguas distintas sem a possibilidade de qualquer confusão dos conhecimentos adquiridos, ela sabe diferenciar o momento de usar cada idioma.

É essencial salientar a importância da imersão ao ensinar um novo idioma. Não se deve ensinar somente as regras gramaticais, mas também apresentar, através de atividades lúdicas e dinâmicas, a cultura de países onde se fala o idioma em questão, neste caso, o inglês.

Trouche (2002, p. 81) afirma que:

[...] todo o professor de língua estrangeira busca os meios que permitam ao aluno a aquisição de competência comunicativa, isto é, do conhecimento não só de regras gramaticais, mas também de regras contextuais ou pragmáticas indispensáveis à interação social.

Para ensinar inglês às crianças o professor deve estar preparado para tal missão, pois o profissional deve fazer uso da ludicidade, bem como jogos e dinâmicas interativas, pois a criança necessita de interação para aprender algo, principalmente quando se trata de algo novo para ela, assim ela poderá demonstrar interesse e sentir-se motivada a continuar. Sobre a ludicidade Almeida (2008, online) acrescenta que:

O lúdico tem sua origem na palavra latina “ludus” que quer dizer “jogo”. Se achasse confinado a sua origem, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao movimento espontâneo. A evolução semântica da palavra lúdica, entretanto, não parou apenas nas suas origens e acompanhou as pesquisas de Psicomotricidade. O lúdico passou a ser reconhecido como traço essencial de psicofisiologia do comportamento humano. De modo que a definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo. As implicações da necessidade lúdica extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo. Passando a necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente. O lúdico faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana. Caracterizando-se por ser espontâneo funcional e satisfatório.

O lúdico é, dessa forma, a ponte que une a vontade ao prazer por realizar atividades. O aluno encontra o seu contexto, desenvolve a aprendizagem e torna-se um agente transformador nesse processo.

Roth (1998 apud PIRES; PAIVA, 2001, p. 51) indica sete pontos presentes na vida da criança na infância que precisam ser permanecidos na prática docente do professor, para que as aulas percorram como o esperado:

1. ENERGIA: As crianças precisam se movimentar;
2. BARULHO: O professor pode controlar o barulho, mas não deve esperar que as aulas sejam silenciosas, é permitido que as crianças produzam barulhos positivos durante a execução de jogos e atividades movimentadas;
3. RAPIDEZ: Assim como as crianças aprendem rápido, também esquecem muito rápido, por isso os conteúdos ensinados devem ser revisados constantemente;

4. SENTIDOS: É necessário admitir oportunidades nas quais as crianças possam usar seus sentidos; além da fala, é preciso estimular o ver, ouvir, tocar cheirar e provar;

5. IMAGINAÇÃO: O educador deve aproveitar nas brincadeiras de 'faz de conta', a incrível habilidade das crianças de mesclar fantasia com a realidade; 6. ENTUSIASMO: O processo de aprendizagem deve ser acompanhado com os benefícios da alegria e do entusiasmo das crianças;

7. TEMPO: As crianças perdem o interesse facilmente, portanto, não se deve sobrecarregá-las, para que a progressão aconteça com o tempo.

Dentro das discussões sobre o ensino de inglês para crianças Figueiredo também diz:

A idade do indivíduo é um dos fatores que determinam o modo pelo qual se aprende uma língua. Mas as oportunidades para a aprendizagem, a motivação para aprender, e as diferenças individuais são também fatores determinantes para o sucesso na aprendizagem. (FIGUEIREDO, 1997 apud GOLÇALVES, 2009 p. 02).

Os autores trazem a reflexão da grande importância do tentar fazer a criança interagir em sala de aula, podendo ser através de jogos ou brincadeiras. E, diante deste ponto de vista, percebe-se que todos esses cuidados e atenção, que se deve ter no planejamento de aulas de inglês para crianças, devem ser redobrados ao pensar em aulas para autistas, pois, além de todas as peculiaridades de uma criança, elas têm suas características próprias, sendo estas relacionadas ao transtorno.

3 | A CRIANÇA E O AUTISMO

Atualmente um dos assuntos mais indagados e que vem sendo estudado ao longo dos anos, o autismo trata-se de um transtorno global do desenvolvimento, caracterizado como sendo uma desordem neurológica que compromete o indivíduo em seu desenvolvimento social pleno.

O termo autismo origina-se do Grego *autós*, que significa "de si mesmo". Foi empregado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço E. Bleuler, em 1911, que buscava descrever a fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia. (CUNHA, 2015, p. 20)

Segundo Kirst (2015, p. 6) "o autismo é um transtorno no desenvolvimento que dura por toda a vida. Ele faz parte do espectro do autismo". Ele diz ainda que "a palavra 'espectro' é usada porque, embora todas as pessoas com autismo tenham três principais áreas de dificuldade em comum, sua condição vai impactá-las de maneiras muito diferentes".

De acordo com Kirst (2015) as três áreas de dificuldades que são em comum em autistas, são:

1. **Dificuldade na comunicação social:** para as pessoas com transtorno do espectro autismo, a linguagem corporal pode parecer tão estranha quanto ouvir uma língua estrangeira desconhecida. As pessoas com autismo têm dificuldades com a linguagem verbal e não verbal. Muitas compreendem a linguagem de forma muito literal

e acham que as pessoas sempre querem expressar exatamente aquilo que dizem. Algumas pessoas com autismo talvez não falem ou tenham uma fala bastante limitada. Geralmente entendem o que as outras pessoas lhe dizem, mas elas próprias utilizam meios alternativos de comunicação, como linguagem de sinais ou símbolos visuais.

2. Dificuldade na interação social: as pessoas com autismo, muitas vezes, têm dificuldade em reconhecer ou compreender as emoções e sentimentos das outras pessoas, bem como expressar os seus próprios sentimentos e emoções, o que pode dificultar a sua inserção na vida social.

3. Dificuldade com a imaginação social: a imaginação social nos permite compreender e prever o comportamento das outras pessoas, entender ideias abstratas e imaginar situações que estejam fora de nossa rotina diária imediata. Dificuldade com a imaginação social significa que as pessoas autistas têm limitações em: compreender e interpretar pensamentos, sentimentos e ações de outras pessoas; prever o que vai acontecer a seguir ou o que poderia acontecer a seguir; compreender o conceito de perigo (...); participar de jogos e atividades imaginativos (...); preparar-se para mudanças e fazer planos para o futuro; lidar com situações novas ou desconhecidas. A dificuldade com a imaginação social não deve ser confundida com falta de imaginação. Muitas pessoas com autismo são bastante criativas e podem se tornar excelentes artistas, músicos ou escritores, por exemplo. (KIRST, 2015, p. 7).

Diante destas principais áreas de dificuldade percebe-se que cada autista é um ser único, com peculiaridades e características próprias, por isso a criança com autismo responde à estímulos ou intervenções de modo particular, e no seu próprio tempo, necessitando de uma atenção individualizada por parte da família e comunidade escolar.

Na sociedade ainda há paradigmas com relação a pessoas com autismo, como por exemplo, a criança é vista como um ser inativo, sem participação considerável, principalmente no âmbito escolar, como ressalta Freitas (2012, p. 11):

[...] quando se ouve a palavra autismo, é comum que as pessoas tenham uma imagem ou definição do que para elas é essa patologia, facilitado por todas as informações e pelas classificações, ou até mesmo encontram-se pessoas que não sabem nada sobre. É muito fácil encontrar as definições postas do lado dos paradigmas criados sobre o autismo, como sendo crianças que não falam; que ficam isoladas balançando o corpo de maneira repetitiva e brincando com algo incansavelmente. Essa cena até pode ilustrar uma pessoa com autismo. Mas não se limita a isso.

Ainda sobre esses paradigmas, Sacks acrescenta:

A maioria das pessoas (e, de fato, dos médicos), se questionada sobre o autismo, faz uma imagem de uma criança profundamente incapacitada, com movimentos estereotipados, talvez batendo com a cabeça, com uma linguagem rudimentar, quase inacessível: uma criatura a quem o futuro não reserva muita coisa. (SACKS, 1995, p. 255).

É importante ressaltar que, para o processo de desenvolvimento das habilidades das crianças com autismo ocorrer de fato, o apoio e amor familiar, acompanhamento especializado e uma união direta entre família e escola são fatores determinantes. Como afirmam Gomes; Balbino; Silva (2014, p. 4)

[...] é de suma importância que a inclusão seja iniciada no contexto familiar, e que os pais ao receberem o diagnóstico do autismo busquem o auxílio de diversos profissionais e mantenham uma interligação com a escola e suas metodologias de ensino.

Em concordância com os autores citados anteriormente, é importante que, logo que diagnosticado, a família entre em contato com a escola para que seja realizado um bom trabalho. São muitas as informações relevantes que apenas os pais de alunos autistas têm conhecimento, e que o professor precisa saber. A partir de uma comunicação constante com esses pais, o educador pode estar apto para adequar suas práticas pedagógicas as necessidades particulares de ensino da criança com autismo.

Deve-se levar em consideração que a atuação de um profissional psicopedagogo com a família, no diagnóstico ou na avaliação, já se configura na intervenção dinâmica do lar e que há diferenças entre intervenção e tratamento. Assim, Cunha (2015, p.88) ressalta que:

O termo tratamento refere-se usualmente à terapêutica medicamentosa ou não, enquanto a intervenção pode ser compreendida como a busca por um desenvolvimento melhor das habilidades do indivíduo com vista à superação de suas dificuldades.

Tanto o tratamento quanto a intervenção devem ser conjuntamente conduzidos por uma equipe de profissionais especializados em suas diferentes áreas.

4 | DESAFIOS PARA INCLUSÃO DO ALUNO COM AUTISMO NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

A Língua Inglesa é uma importante ferramenta de desenvolvimento da aprendizagem para todas as crianças. Ela coopera com a formação de um cidadão capaz de relacionar-se com diferentes modos de organização cultural e social, e pode, também, proporcionar melhores perspectivas educacionais igualitárias.

Os PCNs da língua estrangeira (1998, p. 38) ressaltam que:

O papel educacional da Língua Estrangeira é importante, desse modo, para o desenvolvimento integral do indivíduo, devendo seu ensino proporcionar ao aluno essa nova experiência de vida. Experiência que deveria significar uma abertura para o mundo, tanto o mundo próximo, fora de si mesmo, quanto o mundo distante, em outras culturas. Assim, contribui-se para a construção, e para o cultivo pelo aluno, de uma competência não só no uso de línguas estrangeiras, mas também na compreensão de outras culturas.

Isso nos remete a uma reflexão acerca da importância da Língua Inglesa como componente curricular na educação de crianças com autismo, em que isso pode ajudar no desenvolvimento dessas crianças.

Diante desse processo, percebe-se que o professor pode enfrentar vários desafios. Um deles já começa na infância, pois é nesta fase em que se ensina o processo de autonomia às crianças, como pegar o lanche sozinho e escovar os dentes após o recreio, por exemplo. A criança com autismo não terá essa autonomia natural, o que parece ser aparentemente simples, para ela pode não ser, e o professor deve ter consciência disso.

Para aprender um novo idioma é necessário que haja comunicação e que o indivíduo possa interagir com o outro. Como já mencionado neste trabalho, o

autismo é uma síndrome que compromete a comunicação da criança e a priva da interação com os demais. Como afirma Cunha (2015):

A linguagem para comunicação social demanda, em sua essência, a abstração e a codificação e, por isso, ela se torna extremamente literal e desprovida de símbolo no universo autístico. Ocorre profunda dificuldade para dar sentido a ela e utilizá-la para fins de comunicação. (p.41)

E o que o professor deve fazer quanto a isso? Esse é um dos maiores desafios pautados ao ensinar inglês para crianças com autismo. Estes aspectos são, de forma geral, levados em consideração em todos os contextos de ensino-aprendizagem.

Embora no processo de ensino de Língua Inglesa ao aluno com autismo apareçam determinados obstáculos, essa prática não deve ser vista como “improvável”, pois é nesse processo de ensino que o aprendiz autista pode ter a oportunidade de aprender sobre novas culturas e países, enxergando-se como um cidadão do mundo que também faz parte da sociedade na qual está inserido.

5 | REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA INCLUSÃO DO AUTISTA NA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA

No processo educacional a escola deve direcionar e preparar todos os profissionais que dela fazem parte. É de extrema importância que os educadores estejam devidamente preparados para receber a criança autista com uma visão inclusiva e acolhedora, permitindo assim uma boa adaptação do aluno ao novo contexto escolar.

De acordo com Locatelli e Vagula (2009, p. 6):

[...] investir na formação irá facilitar a implementação da proposta de educação inclusiva, a qual envolve toda uma preparação do professor que, com base nas dificuldades e diferenças do alunado, buscará novas formas de ensinar e de aperfeiçoar seu trabalho em sala de aula.

Em consonância com este aspecto inclusivo, Cunha (2015) complementa afirmando que:

O trabalho na escola estabelece impreterivelmente a ação. A ação move os corações bem mais do que as teorias. Não se constroem os movimentos de aprendizagem somente com a qualidade das nossas ideias, mas, principalmente, com o valor das nossas ações. (p. 52)

No tocante ao ensino de Língua Inglesa para estas crianças, exige-se que os professores sejam devidamente capacitados para tal, pois estas apresentam características e dificuldades peculiares referentes ao aprendizado. É indispensável o uso de metodologias apropriadas e da criação de um ambiente de sala de aula que envolva o aluno com autismo e que o encoraje a querer desenvolver gradativamente as novas descobertas da língua em questão. “Os alunos necessitam encontrar na estrutura do ambiente a acolhida natural que estabelece uma disciplina espontânea, que não subjuga o espírito do homem,

mas prepara-o para o aprendizado.” (CUNHA, 2015, p. 100)

Segundo Vygotsky (1996), o processo de aprendizagem das crianças depende essencialmente da interação social. No processo descrito por ele como Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), o professor necessita ter a consciência de que ele agirá com mediador deste aprendizado, então o mesmo deve agir no auxílio a essas crianças no que diz respeito ao desenvolvimento de todos os aspectos linguísticos e culturais que envolvam o idioma abordado, proporcionando a interação e permitindo que os alunos desenvolvam novas experiências.

Vygotsky (1996, p. 60-61) acentua que:

Um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em operação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança.

Levando em consideração a ZDP, é imprescindível que quando ocorrem dificuldades de comunicação no educando, há a precisão de um suporte educacional para a promoção da interação social na escola, na família e demais ambientes. Dessa maneira, Cunha (2015, p. 80-81) diz que o autista necessitará adquirir:

- *Compreensão da linguagem para sua utilização*: a fala é uma forma de linguagem, mas, se houver dificuldades nessa área, poderão ser utilizados outros recursos de comunicação [...] que devem ser estimulados juntamente com a fala.
- *Habilidades de letramento*: mesmo diante das limitações de autismo, o professor deve propiciar as possibilidades de acesso a todos os saberes possíveis.
- *Habilidades com diferentes meios de comunicação*: pode ser que o autista não domine amplamente uma linguagem e necessite de outros recursos comunicativos.
- *Capacidade para superar frustração e a irritabilidade que podem advir das dificuldades de comunicação*: é normal o autista ficar irritado por não conseguir expressar o que pensa. É crucial para ele, como aprendente, que o professor o compreenda e o ajude nessas horas. A primeira maneira de ajudá-lo é procurar entender o modo como ele se expressa.

Diante disto os docentes devem oferecer a esses alunos a possibilidade do desenvolvimento de novas habilidades relacionadas ao novo idioma e uma atuação efetiva no campo de estudo deste, que aconteça desde o âmbito educacional ao espaço no qual estão inseridos.

As aulas devem ser, assim, planejadas de uma forma que possa chegar a esse aluno, para que, dentro das suas particularidades e limitações, ele possa alcançar algum resultado positivo. Dessa maneira, é de suma importância que o docente busque sempre formas diferenciadas para trabalhar e efetivar a aprendizagem dessas crianças com autismo e que se faça uso de procedimentos metodológicos e avaliativos diferenciados de forma que respeite o tempo de aprendizado de cada uma dessas crianças.

Dessa forma entender-se que: “A criança com autismo é capaz de aprender, como as outras crianças, entretanto, faz-se necessária a utilização de técnicas [...] considerando as características do modo de ser e estar [...] dessa criança” (COSCIA, 2010, p. 19).

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados obtidos após a pesquisa bibliográfica, revela-se que o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa pode contribuir no processo do desenvolvimento cognitivo e social do aluno com autismo, visto que esse idioma pode ajudar a criança a interagir e socializa-se com os demais ao seu redor. Por meios de aulas dinâmicas e interativas a criança pode se sentir motivada na aprendizagem de um novo idioma.

No processo de inclusão o professor pode enfrentar vários desafios em sala de aula, mas cabe ao mesmo estudar, pesquisar e investir em sua formação, para que, junto com a família, possa contribuir com a educação dos autistas. Frisa-se a importância da conscientização por parte dos docentes, e de toda a escola, sobre a necessidade de adaptação das práticas de sala de aula, sendo possível, dessa forma, atender as necessidades educacionais desses alunos.

No tangente as dificuldades de aprendizagem detectadas em crianças com autismo, percebe-se que cada uma tem suas particularidades, necessitando, assim, de uma atenção individualizada. Em um trabalho minucioso e colaborativo entre família e escola, desde o diagnóstico, tudo isso pode ser possível para que haja aprendizagem e interação da criança autista no processo de ensino de Língua Inglesa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anne. **Ludicidade como instrumento pedagógico**. Disponível em: <<http://www.cdof.com.br/recrea22.htm>>. Acesso em: 09 set. 2019.

BERGER, M.V.B.; MORO, N.O.; LAROCCA.P. **Psicologia da educação 2**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira — 5a. - 8a. séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSCIA, M. R. **As intervenções do professor na aprendizagem de crianças com autismo no Ensino Fundamental I**. Disponível em: <www.crda.com.br/tccdoc/47.pdf>. Acesso em: 13 set. 2019.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2015.

FREITAS, A. R. W. **O desenvolvimento da linguagem no autismo**. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1386/O%20desenvolvimento%20da%20linguagem%20no%20autismo.pdf?sequence=1>> Acesso em: 09 set. 2019.

GOLÇALVES, R.M. A necessidade de incentivar a aprendizagem da língua inglesa desde a infância. Revista

Don Domênico. Periódico de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico. Ano 2009, n.2. Disponível em

<http://faculdadedondomenico.edu.br/revista_don/artigo2_ed2.pdf>. Acesso em: 02 set. 2019.

GOMES, M. A. S.; BALBINO, E.S.; SILVA, M. K. **Inclusão escolar**: um estudo sobre a aprendizagem da criança com autismo. 2014. Disponível em: <<http://educonse.com.br/viiicoloquio>> Acesso em: 12 set. 2019.

KIRST, Nelson. (org.). **O que é autismo e como reconhecê-lo**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

LOCATELLI, A. C. D.; VAGULA E. **Fundamentos da educação especial**: pedagogia. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

PIRES, S.S. **Vantagens e desvantagens do ensino de língua estrangeira na educação infantil**: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

SACKS, O. **Um antropólogo em marte**: sete histórias paradoxais. São Paulo: Editora Schwarcz, 1995.

TROUCHE, Lygia M. G. Ensino de Português – Língua Estrangeira - interface com aspectos socioculturais. (org.) **Português para estrangeiros**: perspectivas de quem ensina. Niterói: Intertexto, 2002.

VYGOTSKY, L. S., LURIA, A. R. **Estudos sobre a História do Comportamento**: Símios, Homem Primitivo e Criança. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3osocial-da-mente.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 71, 100, 192, 193, 195

Argumentatividade 29, 31, 34, 36

Arquitetura indígena 173

Autismo 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

C

Casamento 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Categorias 24, 25, 36, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 71, 109, 125, 158, 165, 168, 180, 209, 211, 217

Cena enunciativa 41, 45

Cinema 17, 63, 84, 135, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 219, 226, 229

Comunidade 154, 163

Congada 179, 180, 181, 185, 186, 187, 188, 189

Contos de fadas 105

Criação sociológica 118

Cultura 4, 16, 28, 55, 63, 65, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 93, 104, 109, 121, 122, 133, 146, 147, 154, 160, 163, 167, 173, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 200, 201, 223, 230, 232, 233, 235, 236

Cultura negra 69

D

Descolonização 69, 73, 75, 76, 78

Dialeto 132, 133, 134, 135, 136, 137, 141, 143, 147, 148

Discurso 12, 15, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 74, 75, 126, 140, 142, 146, 156, 158, 165, 168, 170, 171, 172, 186, 193, 214, 216, 229

Divulgação científica 11, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40

E

Eduardo Coutinho 154, 155, 158, 163, 164

Educação Básica 89, 90, 91, 92, 95, 103, 173

Enunciação 20, 32, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 60, 62

Enunciados 36, 38, 41, 44, 46, 48

Estrutura de madeira 173

Etnoarquitetura 173, 174, 178

Existencialismo 89, 91, 92, 93, 94, 98, 102, 104

F

Fantasia 5, 90, 91, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116

H

Homofobia 143, 165, 171, 172

I

Identidade negra 69, 78

Influenciadoras Digitais 12, 14, 15, 21, 25, 26, 27, 28

Instagram 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 65

J

Jornalismo 20, 31, 165, 166, 167, 171, 172, 222

L

Lexicologia 51

Língua Inglesa 1, 3, 7, 8, 10, 27, 81, 106, 137

Literatura 59, 60, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 114, 115, 117, 118, 122, 130, 163, 180, 182, 204, 229

Literatura Brasileira 71, 89, 90, 91, 101, 102, 103, 104

M

Madeira 173, 174, 176

Manifestação Popular 179, 188

Maquiagem 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 149, 158

Memória 3, 77, 98, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 131, 154, 156, 157, 159, 162, 163, 179, 184, 189, 229

N

Narrativa 15, 20, 25, 47, 48, 58, 63, 66, 67, 76, 77, 95, 96, 97, 100, 102, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 186, 187, 191, 196, 198, 200

Neologismo 51, 53, 58, 60, 61, 62, 63

Notícia 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

O

Objetividade 29, 31, 33, 34, 35, 36, 39

P

Pajubá 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150

Poética 77, 95, 118, 119, 120, 121, 129, 131, 198, 219, 228

Protagonismo feminino 105, 106, 108, 111, 115

Q

Queer 132, 133, 137, 138, 139, 140, 146, 147, 148, 149, 165, 166, 167, 168, 170, 171

R

Religiosidade 179, 180, 181, 184, 185, 186, 189

Romance 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 61, 65, 67, 68, 91, 92, 93, 95, 97, 100, 102, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 129, 130

S

Semântica 4, 50, 51, 53, 66, 67, 68

Semiótica 15, 20, 25, 28, 49, 50, 51, 54, 59, 67, 68, 192

Sociolinguística 132, 133, 136, 147, 148

Subjetividade 29, 31, 33, 34, 36, 39, 40, 51, 65, 92, 93, 97, 139, 197

V

Vernacular 173

 **Atena**
Editora

2 0 2 0